

Relatório da Atividade de Trabalho em Equipe na Formação de Estudantes Autistas

Caim Gasparetto

1. Introdução

O trabalho em equipe constitui uma das práticas pedagógicas mais recorrentes no ensino superior, sendo valorizado tanto por seu potencial de promover aprendizagem ativa quanto por favorecer o desenvolvimento de competências sociais e profissionais exigidas no mercado de trabalho. No entanto, a experiência do trabalho em grupo nem sempre se revela positiva para todos os estudantes. Pessoas no espectro autista podem enfrentar barreiras significativas nesse tipo de atividade, uma vez que os desafios de comunicação social, a necessidade de clareza na divisão de papéis e as sensibilidades sensoriais e emocionais muitas vezes não são consideradas no planejamento pedagógico. Nesse sentido, este relatório busca analisar como o trabalho em grupo impacta esse público, com base em revisão de artigos nacionais e internacionais, além de relacionar os achados ao contexto particular do curso de Engenharia de Software.

2. Referencial Teórico

O ingresso de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior tem se intensificado nos últimos anos, impulsionado por políticas de inclusão e pelo aumento dos diagnósticos, o que altera o perfil das turmas ao incorporar maior diversidade de trajetórias e necessidades (SILVA et al., 2020). Apesar do crescimento desse grupo, a inclusão plena ainda enfrenta barreiras significativas, como a ausência de adaptações pedagógicas consistentes, a falta de preparo institucional e desigualdade na implementação de medidas de apoio, como núcleos de acessibilidade e ações de tutoria (GURBUZ et al., 2019).

O trabalho em equipe, uma das estratégias pedagógicas mais utilizadas no ensino superior, desempenha papel central na experiência acadêmica, ao promover aprendizagem ativa, desenvolvimento de competências interpessoais e habilidades profissionais, como comunicação, resolução de problemas, liderança, empatia e negociação. No entanto, sua eficácia depende do planejamento pedagógico: atividades mal estruturadas podem gerar desigualdade na divisão de tarefas, conflitos interpessoais, frustração e desmotivação, enquanto grupos bem organizados, com papéis claros, critérios de avaliação equilibrados e acompanhamento docente, favorecem engajamento, participação equitativa e melhores resultados acadêmicos (DREXLER, 2024; HAMMOND, 2024).

Para estudantes autistas, essas dinâmicas de grupo apresentam particularidades importantes. Características individuais, como estilo de processamento cognitivo, necessidade de clareza e preferência por instruções explícitas, interagem com a

organização das práticas colaborativas, determinando em grande parte a qualidade da experiência acadêmica e social (HAMMOND, 2024; STURGESS, 2020). Projetos coletivos, laboratórios e atividades colaborativas não apenas contribuem para o aprendizado, mas também constituem espaços em que se manifestam desafios de inclusão e pertencimento. Pesquisas nacionais e internacionais ressaltam a necessidade de compreender de forma integrada como autismo, práticas de grupo e políticas de apoio universitário influenciam a permanência, o engajamento e o bem-estar desses estudantes, destacando a importância de estratégias pedagógicas intencionais que contemplem suas necessidades e potencialidades (SILVA et al., 2020; GURBUZ et al., 2019; STURGESS, 2020).

3. Procedimentos de Busca Bibliográfica

Este relatório foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica sobre o trabalho em equipe e seu impacto em estudantes autistas no ensino superior. Foram realizadas buscas na base de dados do Google Acadêmico, utilizando combinações de palavras-chave como “autismo” ou “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”, “ensino superior” ou “universidade”, “trabalho em equipe” ou “aprendizagem colaborativa”, e termos relacionados a “engenharia de software” e “computação” para estudos específicos do contexto tecnológico.

Foram selecionadas publicações de 2010 a 2025, com prioridade para trabalhos recentes, que abordassem estudantes com TEA em contextos universitários e aspectos de trabalho em equipe, colaboração, integração social e desempenho acadêmico. Foram incluídos artigos, dissertações, teses e capítulos de livros, enquanto foram excluídos estudos fora do contexto universitário, voltados ao ensino fundamental ou médio, ou com caráter meramente opinativo.

4. Discussão

A participação de estudantes autistas em atividades de trabalho em equipe no ensino superior envolve um conjunto complexo de fatores, que refletem tanto características individuais quanto a organização das tarefas coletivas (OLIVEIRA et al., 2022). A literatura aponta que esses estudantes frequentemente enfrentam barreiras em aspectos de comunicação e interação social, incluindo dificuldades em interpretar sinais implícitos, compreender ironias ou expressar suas contribuições de maneira reconhecida pelos colegas (DREXLER, 2024; GURBUZ et al., 2019). Em contextos de Engenharia de Software, isso pode se manifestar na dificuldade de discutir soluções técnicas em grupo, participar de reuniões de planejamento ágil ou negociar decisões de codificação, impactando a integração no projeto.

Questões sensoriais e de processamento também são relevantes. Ambientes de laboratório de informática, por exemplo, geralmente apresentam múltiplos estímulos sonoros e visuais, como teclados, mouses, monitores e conversas paralelas, que podem gerar sobrecarga sensorial e dificultar a concentração (HAMMOND, 2024). Além disso, a exigência de respostas rápidas em discussões coletivas muitas vezes não respeita o tempo de processamento característico de alguns estudantes no espectro, prejudicando sua participação e desempenho. A falta de clareza na divisão de papéis ou na estrutura das

tarefas pode agravar a ansiedade e a sensação de exclusão, evidenciando a necessidade de mediação docente e de estratégias de organização explícitas (SILVA, 2024).

Apesar desses desafios, a literatura também destaca potencialidades significativas. Estudantes autistas frequentemente demonstram atenção a detalhes, persistência na resolução de problemas, rigor acadêmico e capacidade de análise lógica, características que podem enriquecer projetos complexos de Engenharia de Software, como desenvolvimento de sistemas, testes de software e integração de módulos (OLIVEIRA et al., 2022). Quando as atividades são estruturadas com papéis claros, instruções detalhadas e acompanhamento docente ou de tutores, esses estudantes tendem a se engajar de forma produtiva, contribuindo para a qualidade técnica do trabalho coletivo e para a diversidade de perspectivas.

Os efeitos do trabalho em equipe sobre aprendizado, integração social e desempenho acadêmico refletem essa interação entre características individuais e organização das tarefas. Em contextos bem estruturados, com objetivos claros, papéis definidos e mediação adequada, as atividades colaborativas promovem trocas significativas de conhecimento, aprofundamento conceitual e desenvolvimento de competências socioemocionais, incluindo a construção de redes de apoio e aumento da autoconfiança (STURGESS, 2020; OLIVEIRA et al., 2022). Por outro lado, experiências mal planejadas, com excesso de estímulos sociais ou ausência de instruções explícitas, podem levar a frustração, isolamento e desempenho inferior, limitando a participação plena desses estudantes.

A promoção de ambientes mais inclusivos exige a adoção de boas práticas que atuem em diferentes níveis. A comunicação clara, com instruções objetivas, explicitação de expectativas e feedbacks consistentes, reduz ambiguidades e permite que todos os integrantes contribuam de acordo com suas habilidades (STURGESS, 2020). A estrutura organizacional, por sua vez, deve incluir papéis bem definidos, cronogramas detalhados e divisão equilibrada de responsabilidades, com momentos de trabalho individual intercalados ao coletivo, equilibrando interação social e autonomia (OLIVEIRA et al., 2022; SILVA, 2024). O apoio institucional, incluindo formação docente, programas de mentoria e grupos de apoio, sustenta essas práticas e fortalece a participação ativa dos estudantes autistas. Em cursos de Engenharia de Software, isso se traduz em planejamento detalhado de projetos, documentação acessível, acompanhamento próximo durante atividades práticas e flexibilidade em prazos e entregas.

Por fim, o envolvimento do estudante autista na identificação de barreiras e na proposição de soluções constitui uma prática valiosa. Incorporar a escuta ativa de suas experiências e sugestões contribui para o desenvolvimento de um ensino superior mais inclusivo, reconhecendo-os como agentes ativos na construção de ambientes colaborativos (DREXLER, 2024; HAMMOND, 2024). Dessa forma, o trabalho em equipe deixa de ser apenas um desafio, tornando-se uma oportunidade de potencializar habilidades cognitivas, promover integração social e favorecer o desenvolvimento acadêmico e profissional.

5. Conclusão

A revisão da literatura evidencia que a experiência de estudantes autistas em trabalhos em equipe no ensino superior combina desafios e oportunidades. Entre os desafios mais

citados estão barreiras de comunicação e interação social, sobrecarga sensorial em ambientes de alta estimulação, ausência de clareza na definição de papéis e preparo docente insuficiente. Em contrapartida, habilidades como atenção aos detalhes, persistência, pensamento lógico e criatividade podem enriquecer significativamente a dinâmica de grupo, quando as atividades são planejadas de forma estruturada e inclusiva. Os efeitos sobre aprendizado, integração social e desempenho acadêmico são, portanto, determinados tanto pelas características individuais quanto pelo planejamento pedagógico e suporte institucional disponíveis.

No contexto brasileiro, embora algumas universidades federais tenham desenvolvido iniciativas de inclusão, ainda existem lacunas relevantes, especialmente em cursos com alta demanda colaborativa, como Engenharia de Software. Poucos estudos investigam de maneira sistemática como a organização de projetos, metodologias ágeis e ambientes de programação em grupo influenciam a experiência acadêmica de estudantes autistas, destacando a necessidade de maior atenção a esse cenário específico.

Diante disso, reforça-se a importância de políticas institucionais inclusivas e de práticas pedagógicas adaptadas, capazes de oferecer recursos, mediação docente e estratégias de trabalho em equipe que contemplem a diversidade presente nas turmas universitárias. Além disso, evidencia-se a necessidade de pesquisas empíricas que explorem métodos colaborativos adequados para estudantes autistas, promovendo ambientes acadêmicos mais equitativos, acolhedores e potencialmente enriquecedores tanto para o aprendizado quanto para a integração social desses estudantes.

6. Referências Bibliográficas

DREXLER, Sherilyn. Autistic Students' Communication Experiences in Group Work: A Mixed Methods Study. 2024. 121 f. Dissertação (Master of Science). Bowling Green State University, Ohio, 2024. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/acprod/odb_etd/ws/send_file/send?accession=bgsu1711710885717043&disposition=inline. Acesso em: 6 set. 2025.

GURBUZ, E. et al. University Students with Autism: The Social and Academic Experiences of University in the UK. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 49, n. 2, p. 617-631, fev. 2019. DOI: 10.1007/s10803-018-3741-4. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6373295>. Acesso em: 7 set. 2025.

HAMMOND, Katherine. Sensory, communication, and processing differences and collaborative learning: Don't forget about autistic students! *Developing Academic Practice*, v. especial, p. 81-85, 2024. DOI: 10.3828/dap.2024.14. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/dap.2024.14>. Acesso em: 6 set. 2025.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça et al. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. *Educação e Pesquisa*, v. 48, e230121, 2022. DOI: 10.1590/s1678-4634202248230121. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/cGTd6B6WHLzms7HvY4TgNQF/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

SILVA, Giovanna Santos da. Processos de inclusão de alunos autistas no ensino superior: a construção de um grupo de discussão. 2024. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024. Orientadora: Prof.^a Dr^a Rosana Carla do Nascimento Givigi. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/20822>. Acesso em: 28 set. 2025.

SILVA, Solange Cristina da et al. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. 1-9, 2020. DOI: 10.1590/2175-35392020217618. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/fvzHNXfHzkFcPTMkcY9gPxd/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

STURGESS, Sharron. The development of good practice principles for supporting students with autism to work with their peers. *The AHEAD Journal*, v. 11, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.ahead.ie/journal/The-development-of-good-practice-principles-for-supporting-students-with-autism-to-work-with-their-peers>. Acesso em: 26 set. 2025.